

Relatório do I DIÁLOGO PROEJA
IFGoiano – Campus Rio Verde

Ione Gomes Adriano¹
Gilma Guimarães²
Fernanda Ribeiro Queiroz de Oliveira³

O I Diálogos PROEJA, organizado pelo Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde, foi realizado nos dias 03, 04 e 05 de junho de 2009 nas dependências do Hotel Silvestre. Participaram do encontro professores e alunos dos campi de Urutaí, Ceres, Morrinhos, Rio Verde e Jataí, representando o Instituto Federal de Goiás.

No dia 03 de junho, os participantes foram recepcionados pelo Diretor Geral do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde Gilberto José de Faria Queiroz, Vice-diretor do campus Anísio Correa da Rocha, Diretora de Ensino Médio e Técnico, Ione Gomes Adriano, Aníbal Sebastião Alves, pró-reitor de Ensino, além da coordenadora da EJA de Rio Verde e outras autoridades. Foram realizadas apresentações teatrais de alunos do PROEJA coordenadas pela professora Renata Blandina da Silva Castro.

Em 04 de junho, entre as oito e dez horas, o pró-reitor Aníbal apresentou aos participantes os projetos propostos pelo MEC para expansão das ações que fomentam e incentivam os programas de Educação de Jovens e Adultos. Esclareceu os participantes a respeito do PROEJA FIC e das ações governamentais propostas no sentido de se ampliar os estudos acadêmicos a respeito dos referidos programas. A seguir, iniciaram-se os depoimentos de alunos e professores que construíram projetos em sala de aula que viabilizaram a aprendizagem por meio da postulação de situações concretas, de uso dos ensinamentos adquiridos ou a serem adquiridos. As experiências relatadas gravitaram em torno de temas recorrentes como a inserção ou a melhora da posição do aluno no mercado de trabalho e a consequente elevação de poder aquisitivo, a postura ativa do aluno a cobrar e sugerir mudanças metodológicas que pudessem resgatar conteúdos que se apresentaram de difícil entendimento e/ou aplicação para a turma; o resgate da auto-estima e do respeito à diversidade por meio do diálogo e da exposição a diferentes referências.

Discutiu-se o problema de evasão nos PROEJA de todos os campi e os problemas se assemelharam principalmente no que se refere às seguintes questões:

- a) Dificuldades de transporte e/ou acesso às escolas;
- b) As jornadas de trabalho que não coincidem com os horários de aulas;
- c) Dificuldades em acompanhar os conteúdos;
- d) O cansaço motivado pela jornada de trabalho.

Durante o período da tarde, os participantes foram divididos em grupos para discutirem e apresentarem, no dia seguinte, em plenária suas considerações a respeito dos seguintes eixos: Avaliação, Interdisciplinaridade, Relação Professor-Aluno, Currículo Integrado

1 Especialista em Educação para Jovens e Adultos, Diretora de Ensino Médio e Técnico do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde

2 Mestre em Educação pela UFG, Coordenadora Educacional do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde

3 Dra. Em Letras e Linguística pela UFG, autora dos livros **Face ao professor** e **Canto e corte**, professora do Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde

Dia 05 de junho – DELIBERAÇÕES

AVALIAÇÃO

Os procedimentos avaliativos devem ser entendidos como processo, como elemento constituinte da dinâmica de ensino-aprendizagem e, por isso mesmo, precisam ser coerentes, consistentes e sinceros. Por sinceridade, entende-se que não só o aluno fica em perspectiva ao ser avaliado, mas também o professor e toda a instituição. Se um desses atores está com problemas no desempenho de seu papel, a balança não irá se equilibrar. Todos devem, ainda, estar atentos ao fato de que o aluno está no ambiente formal de educação para adquirir habilidades pessoais e profissionais e a avaliação funcionará como um mapeamento dos pontos em que se deve trabalhar de forma diferenciada, reiterar aos alunos o que desenvolveram satisfatoriamente de maneira que saiam com um certificado que traduza a realidade que preconiza, que estão aptos ao exercício da função para a qual se prepararam e foram preparados.

Percebe-se, daí, que a avaliação está intimamente ligada à qualidade do ensino ofertado, que é um dos mecanismos que validam a atuação de todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Não há, definitivamente, o método mais apropriado ou a técnica mais indicada para se avaliar, o que existe é a indicação precária e instável ditada pelas experiências somadas em um grupo e as forças e comportamentos que dele emanarem. O professor, portanto, deve estar atento à dinâmica de cada turma, ao perfil dos seus alunos (configurado pelo todo que é o indivíduo) e estabelecer estratégias que contem com a colaboração constante dos próprios estudantes.

O professor não é um facilitador. Aprender implica também em esforço que

nem sempre poderá ser substituído pela brincadeira, pelo lúdico, por atalhos. Habilidades e conhecimentos, para serem adquiridos e desenvolvidos, demandam empenho, foco, dedicação. Os alunos devem se sentir desafiados a oferecerem o mais alto de sua capacidade e a continuar expandindo o seu limite. Sabendo-se que todo ser humano nasce apto para aprender, não pelos mesmos métodos ou no mesmo tempo, mas capaz de se desenvolver amplamente em meio a suas idiossincrasias, o educador, consciente disso, deve propor sempre que seus alunos trabalhem junto com ele, que tenham a noção de que são co-responsáveis pelo ensinamento que recebem, que a movimentação de sala de aula também obedece a sua orquestração.

O aluno do PROEJA deve ser atendido como ser humano complexo, já com experiências de vida e de trabalho estampadas em sua história. Esse fator é positivo, produtivo para o ambiente da sala de aula. O que a escola deve equilibrar são os conhecimentos formais que ela representa. Nesse sentido, o estudante que retorna à escola, não deve ser tratado com uma espécie de piedade preconceituosa em sua essência. Ele deve ser observado como ser humano que busca e tenta se manter na ampliação de seus horizontes, de suas potencialidades, de sua qualidade de vida. Assim, a avaliação não pode ser instrumento punitivo, que oferece ao aluno a sensação de impotência e de diminuição perante o outro. Deve ser integrada ao processo e, aqui, cabe ao professor conduzir suas aulas de maneira a desconstruir o paradigma da avaliação estática e familiarizar os seus discentes com a avaliação integradora, com capacidade de localizar onde devem melhorar, se esforçar mais e colaborar com o professor na busca de novas estratégias.

Esse aluno, a ser, de certa forma, construído pela escola precisa estar motivado, empenhado em se desenvolver. O professor

Relatório do I DIÁLOGO PROEJA

poderá criar ambientes propícios, mas não se pode esquecer que a motivação é fator intrínseco, pessoal e intransferível e que o estudante precisa chamar suas responsabilidades para si. A avaliação como processo, como ferramenta de ensino e aprendizagem pode localizar erros e acertos e apontar para professores, alunos e gestores um caminho objetivo em que se procure constantemente o aperfeiçoamento. As habilidades subjetivas, as travessias que cada autor empregou para chegar à outra margem, são diferenciadas e coordenam comportamentos e atitudes. Contudo, os conhecimentos, coerentemente demarcados pelos planos de ensino, deverão ter sido atingidos ao final do processo. Subjetividade e mundo pragmático são indissociáveis e o desafio da avaliação é conseguir perceber o cidadão além das habilidades específicas, sem perder de vista, o profissional que se deseja formar para que alcance uma melhor qualidade de vida e, por conseguinte, de trabalho.

CURRÍCULO INTEGRADO

A integração curricular precisa estar apoiada, principalmente, em duas bases: as áreas dos conhecimentos possuem demarcações específicas, o que impede a assimilação absoluta de umas com as outras; os conhecimentos podem estabelecer uma zona de diálogo que não necessariamente passa pela aproximação conteudística. As aulas de matemática e língua portuguesa, por exemplo, podem buscar habilidades específicas para a área técnica pretendida pelo aluno, mas elas não se resumem a essa proposta. O estudante não está na escola apenas para ser “treinado” a desempenhar uma função específica no mercado de trabalho, mas para se formar enquanto cidadão, enquanto indivíduo criativo que consegue reconstruir-se face a novas demandas, a inserir-se em procedimentos auto-didáticos e, principalmente, dotá-lo de

mecanismos que lhe permitam expandir suas capacidades e habilidades, sua percepção do mundo e da realidade que lhe é apresentada.

A proposição de temas geradores, temas que atravessarão todas as disciplinas em alguma dimensão, é uma proposta que pode desencadear um processo produtivo de aproximação entre as disciplinas. Entretanto, se empregado na superfície, apenas como um assunto comum, sem observar como esses temas se estabelecem estruturalmente em cada área, poderá falsear a proposta e, por vezes, desmotivar os alunos que, como todo ser humano, entedia-se com a falta de diversidade.

A integração curricular não implica em equalizar as diferenças, em confundir as disciplinas de formação geral com as disciplinas de formação profissional, mas de aproveitar a diversidade para gerar habilidades que se complementam. O técnico em alimentos, ao redigir um relatório, precisará se utilizar de habilidades comunicativas, se valer da intimidade com o universo da escrita somada com o conhecimento objetivo do padrão formal estabelecido para os relatórios. O estudante de administração precisará não somente da matemática aplicada a seu campo de trabalho, mas de todo o raciocínio lógico que ela impõe para que seja compreendida. E assim serão história, geografia, sociologia, física, e todos os conteúdos que podem se integrar no compromisso mútuo com a cidadania e com a habilidade para o trabalho. Tanto as disciplinas de formação geral como as do profissional devem estar atentas às necessidades do aluno e à realidade que ele enfrenta. A construção do currículo e conteúdos programáticos a serem cumpridos pelo aluno devem ser coerentes com a proposta do PROEJA. Um professor de língua portuguesa que despense suas aulas no ensino da classificação das orações subordinadas substantivas objetivas diretas e não habilita o seu aluno a escrever de forma fluente e reflexiva não está contribuindo no

I.G. Adriano et al.

processo de formação de seu estudante. Por outro lado, se o docente busca um texto que fale de preconceito social, por exemplo, levanta uma discussão em que apresente novas perguntas ao aluno, e os devolve para a leitura do texto por ele mesmo, guiando-os pelo processo de lidar com o universo da escrita, compreender e refletir a respeito do que leem, estará formando o cidadão e preparando-o, não importa o curso técnico escolhido, para realinhar-se socialmente. Já a área técnica deve balancear o ensino dos conhecimentos práticos com as experiências trazidas pelos alunos, com a clara percepção de que esse não é um treinamento, um procedimento cego, mas de re-inserção do indivíduo não só no mercado de trabalho, mas na sociedade.

INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade não é um processo que se dá apenas superficialmente, por compartilhamento de temas. Para que seja realmente concretizada, deve integrar estruturas das disciplinas em profundidade ao mesmo tempo em que se respeita o *ethos* próprio de cada uma. Por vezes, o estabelecimento da interdisciplinaridade é monográfico, passa por um questionamento comum em que cada professor gerará uma habilidade a partir dele. Estabelecendo-se um tema gerador, racismo, por exemplo, inicia-se um projeto em que professores todos se envolvam na construção dessa monografia coletiva – o de física poderá passar pelo impacto produzido por um capoeirista ao realizar seus movimentos, o de matemática pela montagem e apresentação de estatísticas e percentuais, o de história pelos movimentos contemporâneos das minorias, o de artes por apresentações culturais, de biologia pela inaplicabilidade genética do conceito de raças e assim por diante. O tema está sendo envolvido por uma grande carga de informações e os alunos devem estar

convidados a produzirem conhecimentos a partir daí. Mesmo com um tema comum, os docentes não devem se alienar das habilidades específicas de suas áreas e restringirem-se à discussão temática. Os alunos deverão ter aprendido construir porcentagens, compreender os princípios básicos de cinemática, perceber a história como mecanismo de compreensão do presente...

Nessa exemplificação de um projeto, não se está advogando que a interdisciplinaridade só aconteça por meio de grandes projetos mobilizadores. Assume forma também quando os professores dialogam entre si e discutem a dinâmica de suas aulas e o desenvolvimento de seus alunos. O professor de matemática pode argumentar que seus alunos não conseguem resolver equações porque não conseguem entender o enunciado e planejar uma ação conjunta com professor de língua portuguesa. O professor de história, o de sociologia podem trabalhar a história da ciência e colaborar com o professor de biologia. O campo é vasto e as possibilidades inúmeras, desde que não se tenha a interdisciplinaridade como mecanismo redutor, mas como intervalo de cooperação.

RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

A relação professor-aluno significa convivência entre seres humanos mediada por um espaço institucionalizante chamado escola. Existem funções, papéis a serem desempenhados pelos atores do processo ensino-aprendizagem. Há uma catalisação de experiências pessoais vindas tanto do docente, do discente e dos gestores de ensino. Há, por conseguinte, muita negociação a ser realizada, muita troca de experiências que irão amparar a expansão e compreensão das diversidades que, ao mesmo tempo, convergem para um objetivo que deve ser comum, o de aprender.

Relatório do I DIÁLOGO PROEJA

O professor sempre aprende com seus alunos, mas, ao mesmo tempo, ele deve ser o guia da relação escolar que estabelecem juntos. Para tanto, é preciso ter clareza dos objetivos a serem atingidos e percepção segura dos diversos caminhos a serem elaborados e transitados para que a aprendizagem ocorra. Mediados pelo conhecimento, as duas categorias – docente e estudante, devem se perceber como seres humanos imersos no redemoinho em que nossa sociedade transformou o nosso cotidiano, com suas frustrações, desejos e realizações. Isso posto, precisam explorar os limites um do outro pela chave do respeito mútuo, da solidariedade e do compromisso em desempenharem bem suas funções.

A sala de aula pode e deve ser um elemento libertador por excelência, ao mesmo tempo em que objetiva as expressões humanas, as racionaliza para que possam ser observadas, pensadas e redimensionadas, positivando experiências negativas, promovendo a aceitação de reveses como parte da dinâmica da vida, e as novas experiências como elemento desagregador que amplia a percepção.

Os alunos devem colocar suas individualidades a serviço de um ente coletivo, vivo, que é o grupo que integram, e combinar esforços para que todos possam aprender. Com o espírito da colaboração, a diversidade marcada por faixas etárias, religião, formações familiares, entre outros fatores, constituir-se-ão em um trunfo a ser utilizado e não como obstáculo. Os que aprenderam com mais facilidade irão se disponibilizar a auxiliar os que estão com mais dificuldades. É a doação de si mesmo, de seu tempo, de sua habilidade que estabelecerão a rede saudável de convivência entre alunos, entre alunos e professores e alunos e gestores.

Visitas técnicas, excursões, momentos de convivência fora da escola também têm se apresentado produtivos no estabelecimento dessa corporação de alunos que se auxiliam

mutuamente, atestando que o espaço formal da escola também pode ser ponto de partida para relações afetivas, pela ampliação da rede social do aluno, retirando-o, muitas vezes, de um confinamento em um grupo fechado para conhecer outras formas de viver e entender o mundo.

Deve-se ressaltar, ainda, que o professor também participa desse processo de construção de afetividades. Contudo, deve estar atento para não perder a sua função profissional no emaranhado em que podem se tornar as relações humanas. Precisa manter a objetividade necessária para que as relações interpessoais contribuam e se integrem à relação ensino-aprendizagem sem se sobrepor às outras habilidades a serem desenvolvidas.

Toda a discussão que tivemos no decorrer do diálogo teve continuidade no Conselho de Classe do PROEJA, com a participação da maioria dos professores do Instituto. Uma das questões mais levantadas no Diálogos também foi um tema recorrente nas discussões do Conselho de Classe. Os professores voltaram a enunciar a importância de reuniões mais frequentes para analisarmos temas inerentes ao PROEJA, o que, por conseguinte, possibilita um momento de trocas de experiências. Também verificamos a importância de termos um momento específico para a apresentação dos projetos desenvolvidos pelas turmas de PROEJA, e por essa razão estabelecemos que anualmente realizaremos um “pré-diálogos”, no campus de Rio Verde, envolvendo todos os profissionais e estudantes que atuam no PROEJA dentro do campus de Rio Verde, para que dessa forma fique mais evidente para o grupo o processo ensino-aprendizagem como um todo.